

H. L. HAYWOOD



A História da Vida e da Época de
Jacques DeMolay

DEMOLAY
BRASIL

Supremo Conselho da Ordem DeMolay
para a República Federativa do Brasil

A História da
VIDA E DA ÉPOCA
DE
JACQUES DeMOLAY

Por

H. L. HAYWOOD

Editor-Chefe da Sociedade Nacional de Pesquisas
Maçônica e de seu Jornal Oficial, “O Construtor”

Publicado pela
Ordem DeMolay

Dedicado
com todo respeito pessoal e fraternal a
Frank S. Land

Todos os direitos reservados à Ordem DeMolay,
Kansas City, Missouri, 1925.

Índice

Prefácio	1
1. A ameaça do Islã	5
2. O grande objetivo das Cruzadas	9
3. O surgimento dos Cavaleiros Templários	20
4. A carreira de DeMolay	28
5. Felipe planeja a queda da Ordem	39
6. O “processo” dos Templários	51
7. O martírio de Jacques De Molay	60

Prefácio

Este pequeno livro foi escrito sob encomenda da Ordem DeMolay. Por esta razão, mantive em mente enquanto escrevia, a necessidade de rapazes de 14 a 21 anos de idade, e espero que eles achem-no interessante. Ao mesmo tempo, e lembrando que há muitos deles, pensei também naqueles Irmãos da Fraternidade Maçônica que pertencem a Comendadoria e ao Consistório. Através do consentimento generoso do Irmão Frank S. Land, Grande Escrivão, uma edição geral para Maçons foi publicada em acréscimo à edição DeMolay.

Primeiramente, foi com alguma hesitação que aceitei a missão de preparar o volume; eu sabia das dificuldades que poderia encontrar e tive medo de que a coragem me faltasse. Não há notícia, até onde se pode descobrir, de uma biografia de Jacques DeMolay em uma língua sequer; um estudioso é obrigado a juntar as peças da história uma a uma, da melhor maneira, de uma grande variedade de trabalhos históricos. Eu fiz isto o mais pacientemente possível e tentei com o melhor das minhas habilidades usar apenas as fontes de mais autoridade. Ainda assim, é muito provável que alguns deslizes possam ter aparecido, e talvez alguns poucos cálculos mal feitos em relação aos fatos

históricos; uma palavra sobre estes lapsos que possam vir a ser descobertos pelo leitor será muito bem vinda.

A meu pedido, o Irmão G. B. Sykes, da Ordem DeMolay, preparou um breve esboço do surgimento e desenvolvimento desta nobre Ordem para garotos:

“A Ordem DeMolay nasceu do interesse de Frank S. Land, de Kansas City Missouri, em Louis G. Lower, um rapaz de 16 anos de idade cujo pai havia falecido. Louis levava seus problemas de adolescente para o Sr. Land. Logo seus amigos estavam fazendo o mesmo. Encontraram no Sr. Land um verdadeiro amigo e consultor. Havia nove desses amigos. Sob sugestão do Sr. Land, eles formaram um clube e o chamaram de Conselho DeMolay. O amigo e conselheiro deles costumava ler-lhes histórias de heróis da Maçonaria e a de Jacques De Molay era a favorita. Alguns amigos destes nove interessaram-se e pediram para se juntar ao clube. O resultado foi que, em 1º de Abril de 1919, 31 jovens, todos com mais de 16 e menos que 21 anos, encontraram-se na primeira reunião da Ordem DeMolay. O crescimento da organização foi imediato e rápido. A idéia se espalhou pelas outras cidades, pelos outros estados até outros países. Seus princípios são Amor Filial, Reverência pelas Coisas Sagradas, Cortesia, Companheirismo, Fidelidade,

Pureza e Patriotismo. Ela é a favor da cidadania e contra o vício. Do modesto início mencionado anteriormente, a Ordem, em menos de seis anos, atingiu um número de associados de mais de 150 mil, associados a quase 1.400 Capítulos. Estes Capítulos estão em todos os estados do país e mais no Canadá, México, na região do Canal do Panamá, Porto Rico, Itália e França. O Ritual, escrito em 1919 por Frank A. Marshall, 32º de Kansas City, Missouri, foi traduzido para o francês, espanhol e italiano. A sede do Grande Conselho fica no 12º andar do edifício do Banco da Reserva Federal de Kansas City. O Grande Conselho é o corpo administrativo da Ordem. É formado por homens importantes da Maçonaria e foi organizado em 1921. Todos os Capítulos DeMolay são patrocinados por corpos Maçônicos reconhecidos.”

H. L. HAYWOOD.

26 de janeiro de 1925, Saint Louis, Missouri.

A ameaça do Islã

Esta é para ser a história de um herói cuja morte trouxe um dramático e repentino fim para uma época da história. Onde devemos começar tal narrativa? Será com seu nascimento? Isto deixaria muitas coisas inexplicadas. Nem tão pouco pode começar com um relato de seus próprios dias, de sua época, e pelas mesmas razões; esta era uma geração na qual uma nova ordem estava morrendo e uma nova nascendo, portanto, era uma época de confusão, “de excursões e alarmes”. Mas isto se aplica a todos os acontecimentos, nos vários momentos da história humana. Não há paredes divisórias na história. O que chamamos de anos e séculos são somente divisões artificiais que frequentemente nada significam. Todo fim é um começo, todo começo é um fim. Passado, presente e futuro são tecidos juntos numa teia, da qual cada fio leva a outro fio, e este para outro e assim por diante até que o começo das coisas esteja perdido nas desconhecidas primeiras eras da história. Como um chefe africano disse a um missionário, “O hoje é filho do ontem e o pai do amanhã”. Portanto, é ele que diz que uma história deve começar arbitrariamente, como um nadador que de repente

mergulha na água, pois um começo tem que vir de algum lugar.

Por motivos que se farão claros mais adiante, devo iniciar a memorável carreira de Jacques de Molay pela morte de Maomé, em 632, d. C. Este homem, Maomé, foi o indivíduo mais extraordinário que viveu depois de Jesus de Nazaré. Ele nasceu em Meca, a cidade santa onde fica a Caaba, contendo a sagrada Pedra Negra adorada como um deus pela multidão de tribos da Arábia. Maomé era um jovem epiléptico, de natureza sensível, mas firme, que na sua idade mais tenra visitado por sonhos e visões que o levaram a acreditar que ele foi escolhido para ser o profeta de uma nova religião. A conversão veio lentamente, mas depois de algum tempo, multidões se acercavam dele e mais tarde seguiram-no até Medina. Lá instituiu uma nova religião e organizou um exército poderoso. Com isto retornou a Meca e conquistou-a, e daquela cidade rústica, desde então uma cidade santa para seus devotos, organizou as tribos árabes numa confederação de guerreiros invencíveis, planejou a queda do Cristianismo, profetizou a conversão do mundo, e ao morrer legou o Alcorão, o livro sagrado do Islamismo.

Os califas do islã

Maomé deixou uma série de sucessores, ou Califas, cada um dos quais, como ele mesmo, era ao

mesmo tempo o capitão na guerra e o líder religioso. Esses senhores da fé estavam ávidos para estender as fronteiras do Islã para o ocidente rapidamente. Seu slogan era “Islã, tributo ou espada”. Omar, o segundo Califa, tomou Jerusalém em 637 d. C. No lugar do Templo de Salomão uma grande mesquita foi construída, e onde uma vez São Pedro pregou a boa nova de que Jesus era o Messias, beduínos morenos proclamaram o evangelho islâmico, “Há somente um Deus, Alá, e Maomé é seu profeta”. Inspirados pelo seu fanatismo e apoiados por suas espadas as multidões de muçulmanos começaram a dirigir-se ao ocidente para tentar derrubar o Cristianismo. Eles conquistaram a Palestina, a Síria, o Egito e transformaram milhares de igrejas cristãs em mesquitas. Todo o norte da África sucumbiu a eles em 707. Quatro anos depois eles conquistaram o sul da Espanha e instalaram sua capital ocidental em Córdoba. Em 732 cruzaram os Pirineus para atacar a França, com os olhos sempre em Roma, a capital Cristã, onde pretendiam acomodar seus cavalos. Se Carlos Martel não tivesse os defendido em Tours eles poderiam ter sido bem sucedidos.

Não obtendo sucesso na sua empreitada do oeste, os Califas focaram sua atenção nas fortalezas das fronteiras cristãs ao leste. Mais uma vez parecia que eles poderiam irromper em Roma, que era para o sistema cristão, o que o coração é para o corpo. Quase foram bem sucedidos. A Ásia Menor caiu

diante deles em 1071 e construíram fortalezas em Nicéia, a somente 1600 km de Constantinopla, a capital do Império Oriental.

Este grande perigo ameaçando ao sul e ao leste gerava sentimentos de horror, medo na alma da Europa. E se Constantinopla tivesse caído? E se os infiéis alcançassem Roma? Depois disto viria o último dilúvio! Em todas as Igrejas da Europa e da Bretanha, os homens rezavam diariamente para ser “livrados dos Turcos” – eram os Turcos Seljúcidas os muçulmanos mais fanáticos, que ameaçavam trocar a cruz de Santa Sofia pelo crescente do Islã.

A Europa respondeu a este perigo iminente com as Cruzadas.

O grande objetivo das cruzadas

O grande objetivo das Cruzadas era a derrocada do islamismo em sua própria fortaleza. Até hoje, as Cruzadas são o assombro e a confusão na cabeça dos historiadores. Não é que os historiadores não vissem como era necessário que a enxurrada do Islã fosse parada; é que o método usado foi muito selvagemmente estranho, tão tolamente magnífico, tão romanticamente ineficaz. Nenhum governo hoje, ou grupo de governantes, sonharia encontrar tais perigos por tais meios, nem acharia possível ganhar o apoio da população se o tentasse. Não é do hábito das nações buscar a vitória sobre um inimigo poderoso tentando cometer suicídio.

Alguém colocará alguma luz sobre este mistério estudando as condições internas da Europa no fim do século XI.

Era o tempo do feudalismo. Não havia governos, nem estados, nem nações como conhecemos. Cada indivíduo pertencia de corpo e alma a um senhor; cada senhor pertencia igualmente a um superior – bispo, cardeal, conde, barão, duque;

esses senhores superiores por sua vez pertenciam a reis, imperadores, cardeais etc.; e teoricamente acima de tudo o Papa, que era possuidor das chaves do céu e do inferno, e soberano nos mundos secular e espiritual. Um homem comum não era um cidadão e sim um tipo de propriedade humana, que pertencia à terra, como um arado ou um boi, e ficava com a terra quando ela mudava de um senhor para o outro. O senhor era proprietário de todos os produtos do trabalho do homem; podia exigir qualquer serviço pessoal, à sua vontade; e podia mandá-lo à guerra a qualquer momento, tivesse o pobre algum interesse ou não. Os pequenos senhores lutavam entre si, e com os senhores maiores; e os grandes senhores guerreavam uns com os outros; enquanto reis e imperadores estavam sempre em conflito com o papa, que sozinho possuía autoridade geral sobre toda a Europa.

Assim atado pelos laços feudais um homem não tinha liberdade, mas tinha que viver e morrer num mesmo lugar, frequentemente sem o privilégio de deixar os domínios de seu senhor, mesmo para uma breve visita. Havia poucas estradas, ou nenhuma às vezes; não havia jornais, nem livros, ferrovias, nem telégrafos e muito poucos navios; cada porção da população estava aninhada em seus pequenos lugarejos, como os chineses na sua Grande Muralha. Por estas razões, não havia idéias universais, espírito nacional nem compreensão geral.

As nações não haviam nascido ainda. A Europa em si, não existia como a conhecemos atualmente.

Não existiam sistemas escolares. As universidades não se tornaram uma força até o século XV, e livros não eram impressos até 1456, pouco antes de Cristóvão Colombo, num feliz acidente, descobriu este continente. Contudo, as pessoas eram universalmente ignorantes, cheias de superstições, ansiosas por maravilhas, mais propensas a acreditar numa estória quanto mais fantástica ela fosse.

O costume da penitência

Envolto nas guerras incessantes – a guerra já foi um esporte e uma carreira profissional – na pobreza, nos temores horríveis das coisas visíveis e invisíveis, e na atitude religiosa geral surgiu um ambiente de pessimismo que tomou conta de toda a Europa. Os homens desistiram de ter esperança neste mundo e começaram a se voltar para o outro; muitas das melhores mentes se enclausuraram em monastérios; um medo do pecado estava por toda parte, como livrar-se dele, como escapar de suas consequências, como evitar o inferno e ganhar os céus. A igreja ensinava aos homens que para escapar dos pecados eles deveriam fazer penitências. A penitência era um método de autopunição para

assegurar o mérito espiritual, e suas formas eram incontáveis.

Um dos meios favoritos de penitência era a peregrinação. Um homem acreditava que se pudesse visitar o santuário de algum santo, se prestasse veneração perante a relíquia sagrada, se fizesse uma perigosa jornada a algum lugar santo os seus pecados seriam perdoados proporcionalmente as suas dores. Se um homem tivesse uma crença sincera na sua religião, e genuinamente amasse os santuários, teria duplo motivo para arriscar seu corpo e sua vida nesta jornada; e se tivesse razões para esperar ver um milagre seu zelo seria sem limites. Tais peregrinações tornaram-se a moda religiosa, encorajadas por padres nas regras da igreja. Almas tímidas se aventuravam por apenas algumas milhas; os mais audaciosos iam bem além; alguns iam até Roma, próximo a Jerusalém, o lugar mais santo de todos, a capital do Cristianismo, lar do Papa, sede de São Pedro. E havia uns poucos, heróis da fé, ávidos pelas glórias do martírio ou mesmo da santidade, que eram levados para a distante Jerusalém.

Uma vez que Jerusalém em si era tão sagrada, e por ficar muito distante, para chegar até ela, somente após sofrimento e perigo quase insuperável, uma peregrinação trazia recompensas supremas – perdão pelos pecados de toda sorte e no

caso de morte, traslado imediato para o paraíso. Há registros de que 16 destas jornadas foram feitas no século X, e 117 no século seguinte, antes das Cruzadas; neste último, duas foram de considerável número de pessoas; uma liderada pelo Duque Robert da Normandia, em 1035 d. C. e outra de 7000 fiéis em 1064 d. C. Estas grandes expedições se tornaram possíveis pela conversão dos Hunos ao Cristianismo, algo que quebrou uma das grandes barreiras rumo ao Oriente.

Peregrinos rumo à Jerusalém

Nos primeiros dias, os peregrinos, uma vez que atingiam Jerusalém, recebiam alguma consideração, porém mais tarde, depois que o Califa do Egito ordenou a destruição do Santo Sepulcro e as demais coisas sagradas do Cristianismo em 1009 d.C. muitos perderam suas vidas em Jerusalém mesmo, ou ainda nas mãos dos bandidos ainda nos caminhos que levavam a ela. A morte dos peregrinos, bem como a destruição das coisas sagradas do Cristianismo na Cidade Santa, trouxe a impaciência na Europa a um ponto de efervescência. Os homens começaram uma comoção contra os insultos feitos a eles pelo Islã. Eles oravam por uma oportunidade de levar sua vingança inflamada sobre os Turcos e os Árabes.

Eis a situação. Dentro da Europa mesmo, a vida humana estava agitada, ansiando por liberdade, rezando por aventura, faminto por conhecimento do mundo mais além, necessitando de expansão, e feridos pelos insultos dos muçulmanos; do outro lado, estava o Islã com seus olhos cobiçosos sobre a Europa, planejando e tramando a derrubada de Constantinopla, e então Roma, por último, de todo o Cristianismo. Esta tensão mundial tinha que parar. Um vulcão estava para explodir em erupção ao toque de uma fagulha.

Esta fagulha foi ateada por Alexius, Imperador do Império Oriental, pouco depois que chegou ao trono. Em 1095 d.C. ele estava tão assustado com os turcos batendo a sua porta que apelou para a ajuda das nações ocidentais enviando um pedido de ajuda ao Papa Urbano II. O Papa consultou imediatamente os mais poderosos nobres, que aceitaram que haviam chegado a hora de agir. Urbano então chamou um conselho para se reunir em Clermont, em Auvergne. Uma multidão de todas as classes – nobres, sacerdotes e civis – reuniu-se. Eram tantas pessoas que um edifício não poderia comportá-las, fazendo com que o evento acontecesse ao ar livre.

Em 25 de novembro o Papa em pessoa discursou para a multidão e mostrou o que os historiadores descreveram como “a mais empolgante

oratória já registrada na História!”. O dom da profecia tinha sido acrescido àquele discurso, de maneira que ele podia ver no futuro, o pregador inspirado parecia ter a língua paralisada dentro da boca, pois seu discurso lançou a Europa nas Cruzadas. Paixão, chama e um zelo apareceram no seu discurso como raios de sol. Testemunhas apontam esta passagem:

“Aquele terra na qual a luz da verdade brilhou primeiro; onde o Filho de Deus, em forma humana, dignou-se a andar como homem entre os homens; onde o Senhor ensinou e sofreu, morreu e ressuscitou; onde o trabalho de redenção do homem consumou-se – esta terra consagrada por tantas santas memórias, passou para as mãos do ímpios. O Templo de Deus foi profanado, seus santos mártires com seus corpos lançados ao relento para serem comidos pelas feras do campo. O sangue do Cristianismo flui como água nas proximidades e mesmo em Jerusalém, e não há nada a fazer a pobre misericórdia divina, e em virtude da autoridade de São Pedro e São Paulo, de cuja plenitude somos depositários, nós garantimos total remissão de qualquer penalidade canônica aquele fiel que pela devoção, e somente por ela, e não pelo interesse de honras e ganhos for em ajuda da Igreja de Deus em Jerusalém. Mas quem quer que morra lá em arrependimento deve indubitavelmente tem a

remissão (indulgência) dos pecados e o fruto da eterna recompensa.”

O sinal da cruz

Urbano prometeu a todos os voluntários a proteção da Santa Igreja, de São Pedro e de São Paulo e pronunciou anátema sobre qualquer um que os molestasse; declarou Trégua de Deus entre os vários príncipes e nobres em guerra; ofereceu o perdão das dívidas de quem se alistasse para ir e declarou que libertaria qualquer prisioneiro ou criminoso que se oferecesse para ir. Aos nobres ávidos por posses, ofereceu novas terras e saques; aos jovens anunciava o atrativo da aventura; aos famintos por santidade, a coroa do martírio e o paraíso; à Europa inteira prometeu, com a ajuda sobrenatural de Deus, a extinção do Islã. Por fim, exibindo uma cruz ante os olhos bem abertos dos seus ouvintes, agora completamente entusiasmados, gritou em alta voz:

“Usem-na sobre os ombros e sobre o peito; faça-a brilhar sobre seus braços e sobre seus estandartes; será para vocês a garantia da vitória ou da palma do martírio; lembrar-lhes-á que Cristo morreu por vocês, e que é seu dever morrer por Ele.” (Disto o movimento recebeu seu nome, “cruzada” do latim *crux*, cruz.)

Imediatamente após este discurso hipnotizante, uma excitação incontrolável tomou de conta dos ouvintes. Exclamando em voz alta, “Deus o quer”, pisotearam uns aos outros nos seus esforços enlouquecidos para achar um lugar na multidão dos cruzados; mulheres e crianças imploravam pelo privilégio de ir; velhos tentavam jogar fora suas muletas; até mesmo meninos, jovens de mais para segurar uma arma, choravam em seu entusiasmo. Como uma epidemia, a tendência se espalhou pela Europa, atingindo ambos os sexos de todas as classes, clérigos e leigos, até que uma enxurrada humana começou a correr em direção ao oriente com o apelo “Deus o quer!”.

Jerusalém estava a mais de 3 mil quilômetros de distância. Os hunos bárbaros estavam pelo caminho, e após eles os turcos e além deles toda dureza de uma terra desconhecida guardada por cidades fortificadas, e mesmo em Jerusalém, nenhuma provisão poderia durar até lá. Mas estes perigos não abalavam o zelo da multidão; eles estavam confiantes de que o Senhor pelo Seu grande poder e através de milagres e sinais asseguraria a vitória acima de todos os inimigos.

Na primavera de 1096 uma multidão, estimada em 600 mil civis, saíram em viagem, em várias divisões, sob a liderança de Pedro, o Eremita e Walter, o Sem Posses. Que desgraça! Uma

tragédia inefável abateu-se sobre os iludidos entusiastas. Vários deles foram trucidados pelos hunos; e os que retornaram pereceram nas mãos dos turcos, ou caíram na escravidão.

A Primeira Cruzada, propriamente dita, foi melhor organizada, e não saiu até o outono de 1096. Cavaleiros de Provence estavam sob as Ordens do Conde Raimundo de Toulouse; os alemães tinham Godofredo de Bouillon e o irmão, Balduino como líderes; as forças normandas, francesas e italianas seguiram Boemundo e Tancredo. Foi acertado que este exército de homens treinados, estimados pelo Papa em cerca de 300 mil pessoas, deveriam se encontrar em Constantinopla.

Os cruzados no oriente

Não há nem necessidade nem oportunidade aqui para contar a história das Cruzadas, das quais houve oito em pouco mais de 200 anos, ou para descrever a confusão, os conflitos, as traições e o terrível derramamento de sangue sobre os quais os cavaleiros forçaram seu caminho até Jerusalém. Os invasores conquistaram Antioquia e estabeleceram um principado sob o controle de Boemundo. Após isto conquistaram Trípoli e organizaram outro principado administrado por Raimundo. E finalmente, na primavera de 1099, cerca de 20 mil cavaleiros calejados e queimados pelo sol, criados

acostumados à morte e ao perigo, fizeram caminho para a Cidade Santa, que conquistaram depois de um cerco de dois meses, tratando os habitantes com tamanha barbárie que os soldados cavalgaram nas ruas em meio a uma massa de corpos de homens, mulheres e crianças contorcidos. Seus cavalos, como afirmou um capitão, “afundavam até o joelho em meio a sangue muçulmano”. Com Jerusalém como capital e Godofredo de Bouillon com o primeiro rei, o “Reino de Jerusalém” foi formado.

Com isto, devemos deixar as Cruzadas. O pouco que foi dito é suficiente para o propósito do contexto e para tornar mais claro nossa história, o foco e o clímax que jaz adiante.

O surgimento dos Cavaleiros Templários

Há muito tempo atrás, como já descrito, peregrinos Cristãos chegaram à Jerusalém, alguns deles para passar poucos anos, outros definitivamente. De acordo com um conto deixado por Guilherme de Tiro, diversos mercadores vindos de Amalfi obtiveram permissão do Califa do Egito, então em posse da cidade para formar um hospital para os cristãos pobres e doentes. Isto foi por volta de 1023. A experiência foi bem sucedida. Tanto que em pouco tempo desenvolveu-se uma ordem organizada de homens devotados comprometidos com a caridade cristã e dedicada primeiramente a São João, o Hospitaleiro, e sem seguida a São João Batista. Na época que as Cruzadas começaram, seu Mestre era um tal de Gerard. Ele obteve do Papa Honório II uma bula conferindo à Ordem terras e construções na Europa e na Palestina, garantindo a imediata proteção da Santa Sé. Com a morte de Gerard, Raimundo de Puy tornou-se Mestre. Durante sua gestão de quarenta anos ele transformou a fraternidade numa organização militar e encheu suas fileiras com cavaleiros que lutaram em defesa dos

cruzados por mais de 200 anos. Estes Cavaleiros Hospitalários, como ficaram conhecidos, depois se tornaram os Cavaleiros de Malta e como tal, mesmo que mais honorífica que militarmente, sobrevivem até hoje.

Você pode imaginar-se como um membro dos Cavaleiros Hospitalários? A maioria dos cavaleiros, nos parecem tão formidáveis em seus uniformes de malha metálica flexível, armados com espada, escudo e lança, eram jovens entusiasmados, assim como os que hoje em dia enchem as fileiras da Ordem DeMolay. E DeMolay mesmo, se alguém considerar isto, tem seus próprios ideais de caridade e valor, e ensina aos jovens quão necessárias são a gentileza e coragem. Talvez mais de 100 mil jovens DeMolays algum dia se deparem com uma cruzada! Quem sabe? Temos nossa própria Jerusalém, sarracenos, peregrinos para socorrer e feridas para curar!

Haviam outros jovens idealistas e entusiastas em Jerusalém naqueles dias que encontraram outros trabalhos igualmente importantes para fazer. Apesar do poderio militar da organização mantida pelos reis de Jerusalém, os peregrinos que se dirigiam a Cidade Santa caíam em muitos perigos. Inimigos acampavam entre os vales inacessíveis entre as colinas sempre a espreita por pilhagem; pequenos grupos de beduínos assombravam os que passavam

pelos caminhos estreitos (não havia rodovias) para roubar ou assassinar os viajantes. Por causa disso, e de outros contratemplos, muitos peregrinos, exaustos pela longa jornada, caíam às portas de Jerusalém.

Dois jovens cavaleiros

Dois jovens cavaleiros franceses de berço nobre, Hugh de Payens e Geofroy de Saint Omer, com certeza ainda na idade dos 20 anos, e como tinham recebido suas esporas em batalha, conceberam a idéia de fundar uma organização para guardar as estradas entre Jerusalém e Acre, o porto de Jerusalém no Mediterrâneo. Achando outros sete cavaleiros para se unirem a eles, formaram uma pequena organização que chamara de “Pobres Cavaleiros de Cristo”, dedicando-se a Ele e a Maria Sua mãe, e na presença do Patriarca, líder a Igreja Cristã na Palestina, fizeram os votos triplos de pobreza, castidade e obediência. O palácio do Rei Balduíno II ficava no suposto local do Templo de Salomão. Um conjunto de salas numa ala do palácio foi separada para servir de quartel-general, razão pela qual ficaram conhecidos como Cavaleiros do Templo ou Cavaleiros Templários.

Não passou muito tempo para que estes jovens, aliados a muitos que se juntaram a eles tornassem-se famosos até mesmo na Europa, onde o entusiasmo das Cruzadas estava no auge. De suas

terras natais, muitos outros cavaleiros vieram para se alistar em suas fileiras. “A Ordem era como uma semente plantada no solo exatamente preparado para isto.”

O Rei Balduíno viu grandes possibilidades nestes jovens Cavaleiros. Ele sabia que se quisesse manter Jerusalém, e mais tarde derrotar o Islã, não poderia depender de voluntários que pudessem vir por sua própria conta e risco, lutar por um momento de depois retornar; sabia que era necessária uma guarnição fixa, bem disciplinada, permanentemente estabelecida, e sempre pronta para a guerra quando chegasse o chamado. Então, mandou dois Templários a São Bernardo, o grande clérigo do século, pedindo que este recomendasse a Ordem ao Papa Honório, com a finalidade de que o Concílio reunido em Troyes os reconhecesse oficialmente como parte do sistema das Cruzadas. Bernardo os recebeu com prazer, da mesma forma o Papa e o Concílio, que lhes deu a sanção oficial, e uma regra, similar as que as ordens monásticas se submetiam, tanto inspirada como escrita pelo próprio Bernardo. Isto aconteceu em janeiro de 1128.

Imediatamente após a sanção, a Ordem tornou-se imensamente popular. Hugh de Payens foi recebido em Paris e mesmo na Inglaterra. Dinheiro era despejado no tesouro dos Templários; ricos estados estavam sob sua responsabilidade, nobres e

príncipes enviavam seus filhos para unirem-se a ela. Quartéis-generais foram estabelecidos na Inglaterra, na Espanha, na França e na Alemanha, e logo o valor dos soldados na Palestina foi apoiado e sustentado por uma vasta organização sistematizada em toda Europa.

A administração da Ordem

Vale a pena parar um momento para ver como a Ordem estava organizada, como seu membros eram graduados e quais as regras sob as quais viviam seus membros.

No topo estava o Grande Mestre, eleito por um complicado processo, de grande autoridade, mas não absoluta, já que tinha que consultar seu conselho, mesmo no campo de batalha, se preciso fosse. Sua sede era em Jerusalém, e lhe eram dados quatro cavalos, um capelão, um clérigo e uma casa de grandes proporções. Segundo em comando, o Senescal, que atuava na ausência do Grande Mestre e era equipado com um aparato similar. O terceiro era o Marechal, comandante militar supremo, com Marechais Provinciais sob sua liderança, que tomavam conta das sedes em Trípoli, Antioquia, França, Inglaterra, Poitou, Aragão, Portugal, Apúlia e Hungria. Havia um Grande Tesoureiro, um Grande Hospitaleiro e um Drapier, este último com responsabilidade sobre todo vestuário. Em adição

havia os Preceptores, Priores e muitos outros dignitários, todos trabalhando juntos e em harmonia, num poderoso sistema, tão interessante que valeria detalhá-lo se fosse a história dos Templários.

Os Cavaleiros formavam o mais alto grau dentre os membros, cada um possuindo dois cavalos, um escudeiro ou servo e duas tendas. Em seguida vinham os Sargentos, ou irmãos servidores, que agremiava homens que não atingiram a Cavalaria. Estes Sargentos, a não ser que estivesse ocupando um cargo oficial, tinha um cavalo, uma tenda e um escudeiro. Somado a estes, estava atrelado a Ordem, um grupo de cavaleiros leves chamados de Turcoplários, liderado pelo Turcopolier, que tinha o comando dos Sargentos em tempos de guerra. Trabalhando em todas estas graduações havia um número de associados que não tinham assumidos os votos. Dos Capelães falarei mais tarde, pois são uma chave para o resultado que de outra forma seria um mistério. Os Cavaleiros usavam mantos brancos e os sargentos, marrons ou pretos, mas todas com uma cruz vermelha bordada.

Cada irmão era obrigado a participar de cerimônias religiosas, pelo menos uma vez ao dia. Todo vício, ociosidade, jogos e relacionamentos amorosos eram estritamente proibidos, assim como eram obrigatórias duas refeições por dia, às vezes três. Seu zelo religioso era tão grande e a tentação

tão rápida que eles comiam em dupla, um olhando para o outro temendo que algum se recusasse a comer e não tivesse força necessária para combater. Aqueles ligados pelo voto vitalício não podiam casar-se, ter associação com mulheres ou ainda beijar um mulher mesmo que fosse sua mãe ou irmã. Caçar era proibido, exceto leões, que se acreditava ser um tipo de satã e nenhum cavaleiro poderia matar um cristão seja qual for a situação. A obediência aos superiores, sem questionamentos, era sempre estritamente requerida. E um cavaleiro, se capturado pelos sarracenos, jamais seria resgatado; morrer pela causa era seu primeiro dever.

São Bernardo compôs uma famosa homenagem à Ordem nos seus primeiros dias, que, mesmo que fosse exagerada, mostra que esperanças e sonhos habitavam nas almas dos jovens cavaleiros que se orgulhavam de serem chamados “Os Pobres Cavaleiros de Cristo”. Eis aqui um de seus parágrafos:

“Eles vivem juntos sem propriedades separadas, numa só casa, sob uma só regra, ansiosos de preservar a unidade do espírito no laço da paz. Nunca há uma palavra vã, ou ato inútil ou riso imoderado, ou murmúrio, pois um cochicho que seja pode levar à punição. Detestam dados e jogos de damas. Caçar é uma abominação e não gastam tempo no passatempo frívolo da falcoaria. Piadistas,

bobos da corte, contadores de estórias e atores de teatro são evitados e tidos por tolos insanos. Cortam curtos seus cabelos, sabendo que, como diz o apóstolo, “é uma vergonha para um homem ter o cabelo longo”. Nunca se vestem garbosamente, e raramente se lavam. Cabeludos por andarem despenteados, também vivem encardidos pela poeira e bronzeados pelo peso das armas e pelo calor do sol. Eles esforçam-se ansiosamente possuir cavalos fortes e rápidos, mas sem belos ornamentos ou decorado com prendedores. Pensando somente na batalha e na vitória, não em pompa e exibicionismo. Tais, Deus escolheu para Si mesmo, que vigilante e fielmente guardarão Santo Sepulcro, todos armados a espada, e muito experimentados na arte da guerra”.

A carreira de Jacques DeMolay

A Ordem existiu por 186 anos. Para dar conta de seus altos feitos, seu incrível heroísmo, suas incontáveis batalhas, suas conquistas e derrotas, seus quartéis, feudos e suas falhas seriam necessárias muitas páginas de prosa cuidadosamente escritas; uma vez mais temos que limitar o alvo de nossa história, pois a juventude DeMolay está mais preocupada em conhecer a história do último e mais famoso Grande Mestre da Ordem, o orgulhoso soldado cujo fim melancólico, pairando como uma sombra sinistra sobre os anais do século XIV, mostra como é fácil que a fama torne-se em infâmia e quão rapidamente o mundo esquece seus heróis, como o entusiasmo começado com a cruz pode muito bem terminar nas chamas da fogueira. Os jovens com generoso fogo correndo pelas suas veias podem naturalmente algum elogio se der suas vidas em serviço aos seus companheiros; sua dura lição veio quando eles descobriram que poderiam ser desprezados apesar de seus sacrifícios. Os verdadeiros jovens cavaleiros cujo patrono é Jacques de Molay sabem que faz parte ser um bom soldado sejam quais forem as consequências, o que faz parte da vida de um verdadeiro homem.

Se você voltar-se para o mapa da França descobrirá no canto superior direito a região de Haute Saone, cuja capital é a velha cidade de Belfort. Os Montes Vosges estendem-se ao Norte, assim como a Alsácia-Lorena, e nela estão muitas cidades por nós conhecidas da Guerra Mundial. Desta região o Rio Marne flui à norte e oeste para se unir ao Sena em Paris, e o Reno segue para Avignon e este para o Mediterrâneo. No noroeste da Região você encontrará Vitrey, o cantão no qual os historiadores acreditam que Jacques de Molay tenha nascido numa vila de mesmo nome. Escritores mais antigos acreditavam que ele tinha nascido mais ao sul, na diocese de Besançon, na região de Doubs, mas pesquisas mais recentes tendem a mostrar o contrário. Haute Saone ficava em Franche-Comté, um território pertencente aos Duques da Borgúndia.

O ano de nascimento de Molay é desconhecido, mas alguns poucos cálculos nos permite deduzir aproximadamente. Num depoimento perante um Inquisidor em outubro de 1307, ele disse que já era Templário há 42 anos, ou desde 1265. Se, como era o costume, ele tiver sido aceito como membro aos 21 anos, ele nasceu em 1244.

Estranhamente, para a figura que se tornou quase nada é conhecido sobre o início de sua vida. Acredita-se que seu pai foi um pobre e obscuro nobre, pois DeMolay se descrevia no final de sua

vida como “um pobre e iletrado soldado”. Talvez tenha recebido a educação de costume para um garoto de nascimento nobre da época. Neste caso, era deixado aos cuidados de sua mãe e suas damas até os sete anos, então levado para a habitação de um senhor para servir e servindo aprender de pronto o que era requerido de um jovem cavaleiro francês. Assim, ele era chamado de pajem (aluno) e era designado para servir à mesa, cuidar dos cavalos, e ajudar os cavaleiros a cuidar de suas armaduras e armas, bem como ser iniciado na falcoaria e na montaria de caça com cães. Era uma vida ao ar livre, na maior parte do tempo, e cheia de atividades como um jovem saudável gostaria. Pode ser que Jacques tenha aprendido a ler e escrever com algum clérigo, mas é pouco provável, visto que ele se descreve como iletrado.

Cortesia educativa

Este aprendizado era descrito como “cortesia educativa”, ou seja, os modos e costumes requeridos na corte de um príncipe ou de um nobre. Não havia nada depreciativo nisto, pelo contrário. Os filhos dos duques e reis cresciam sob a mesma disciplina. Felipe, o Cruel, filho do Rei da França, serviu assim na casa de seu próprio pai. O grande Lorde de Joinville serviu à mesa do Rei de Navarra por algum tempo e relata quando recebeu “a cota de malha”, uma expressão que significa ser feito cavaleiro.

Estevão de Blois, que se tornou Rei da Inglaterra, foi pajem na casa de Henrique I. O rei escocês Malcolm foi aprendiz de Henrique II e Henrique II serviu como pajem no palácio de seu tio.

Se esta foi a educação de Jacques de Molay ele desempenhou tarefas humildes como pajem até os 14 anos e então tornou-se um escudeiro, a ocupação imediatamente superior. O escudeiro servia seu cavaleiro ou senhor, prestava conta de seus deveres e ajudava a supervisionar os pajens e os criados. Se como escudeiro provasse ser inteligente, ousado, corajoso, apto para o uso das armas, incessante no combate e educado às maneiras da corte, poderia assumir as honras e as responsabilidades da cavalaria.

Dentro do encantador círculo da nobreza, como a cavalaria era chamada, todos os cavaleiros eram livres e iguais, aptos a possuir terras e respeitado por todos, pelo seu valor, sua fé religiosa e sua fraternidade. Todas essas qualidades e privilégios, elevados e transfigurados e feitos quase divinos tornaram-se familiares para nós por Tennyson e seus épicos sobre a Távola Redonda, e por Walter Scott nos romances que todo membro da Ordem DeMolay deveria ler. A cavalaria tornou-se a glória da Europa durante as cruzadas, quando jovens soldados de todas as partes do continente eram colocados em contato com irmãos em armas de

todos os lugares; quando príncipes e seus seguidores se engajavam numa amigável rivalidade para mostrar quem era o mais perfeito na arte da cavalaria. Então a Igreja consagrou os serviços da cavalaria com ritos sacramentais. Ser um cavaleiro naquela época era o sonho e a ambição de todos os jovens.

Jacques é feito cavaleiro

Quando o jovem escudeiro Jacques de Molay atingiu a idade militar – por volta dos 21 anos – passou por uma elaborada cerimônia descrita da seguinte maneira: no dia designado seus companheiros escudeiros tiravam a sua roupa de forma solene e cerimonial. Então o levavam para um banho, como símbolo de purificação. Ao sair do banho, era vestido com um manto branco, emblema de sua pureza, e com um gibão vermelho, que representava a sua nobreza. Ao cair da noite, completamente armado, sozinho ou em companhia de padre, ficava em vigília numa igreja, depois do que se confessava, recebia a ablução, assistia a missa e tomava parte nos sacramentos. Em seguida, apresentava sua espada ao padre, que depois de colocá-la sobre o altar, a abençoava e a devolvia; então, depois de se ajoelhar aos pés de uma dama que deveria armá-lo, apresentava sua espada ao cavaleiro que lhe apadrinhava e fazia seus votos da cavalaria. A dama, ajudada pelos escudeiros, então o

investia com a cota de malha, manoplas, esporas e toda sua armadura, junto com sua espada e sua bainha. Mais uma vez de joelhos diante de seu padrinho recebia o acolitamento, três toques com a lâmina da espada, no seu pescoço e nas suas costas, e o colie, um pequeno sopro na face. Depois disso recebia presentes do padrinho, e em troca distribuía presentes para seus companheiros. Depois disto seguia para provar num torneio ou num trabalho mais sério como seu direito às novas honras.

Através de um cerimonial como este, o jovem Jacques tornou-se cavaleiro, o posto mais exaltado ao qual um jovem poderia aspirar e atingir depois das grandes dignidades da Igreja e do estado. Onde quer que fosse agora, ele encontraria outros cavaleiros, similarmente treinados e sob os mesmos votos, que o receberiam como um irmão nas armas, pois a cavalaria era uma ordem, ou fraternidade; uma espécie de Maçonaria da época. (E até onde se sabe muitos dos antigos ideais e cerimônias da cavalaria ainda são preservados nos “altos graus” da Maçonaria.)

O que faria de Molay com suas novas honras? Uniria-se a algum dos lordes da Burgúndia para prestar serviços militares? Estabeleceria uma casa sua, com seus próprios pajens e escudeiros? Escolheria uma vida de aventuras, viagens por terras distantes ou sair em peregrinação? Jacques escolheu

juntar-se aos Cavaleiros Templários. Em sua infância, ele tinha morado não muito distante de uma Comendadoria Templária, e desde muito cedo já ouvia lendas e fábulas sobre sua grandeza. Talvez isto o tenha inspirado a dar o próximo passo de buscar admissão na Ordem. Foi recebido como membro no Beune de Paris, da diocese de Autun, por volta do ano de 1265, pelo “Visitador” Templário chamado Imbert de Paraude.

Mais uma vez a História nos deixa na completa ignorância sobre qualquer dos detalhes desse evento memorável, mas se o cavaleiro foi recebido da forma usual não é difícil imaginar como foi a cerimônia. O rito de admissão era chamado “Recepção” e o Grande Mestre ou seu substituto legal era chamado de “Receptor”. Somente membros da Ordem poderiam estar presentes e apesar de ser uma fraternidade religiosa e não uma sociedade secreta, a cerimônia de recepção era feitas a portas fechadas. Não havia período probatório.

Ele torna-se um Templário

Jacques, acompanhado pelos seus pais, parentes e amigos apresentou-se no dia marcado e foi deixado sozinho numa sala esperando instruções. Chegou então ao Receptor a informação de que o Noviço estava preparado. O Receptor perguntou se os irmãos ali reunidos tinham alguma objeção

quanto à entrada dele. Nada sendo dito, um irmão foi enviado para falar ao Noviço dos deveres assumidos e das dificuldades esperadas. Depois de dizer que estava pronto para resistir a tudo e a submeter-se às estritas regras da Ordem, Jacques foi introduzido perante o Capítulo, como a unidade local da Ordem era chamada. Novos questionamentos eram feitos, para que não entrasse nos seus novos deveres cegamente. Ele jurou solenemente pobreza, castidade e obediência, foi investido com o manto branco no qual uma cruz vermelha estava bordada, depois era beijado pelo Receptor e pelo Capelão, se houvesse algum presente. Sentava-se então aos pés do Receptor, que fazia uma longa homilia sobre a Ordem, suas tradições e ideais e tudo o que era esperado pelos Templários. Feito isto, Jacques recebeu permissão para apresentar-se aos amigos, com suas novas vestes, para receber as congratulações e orações.

Ficamos curiosos para saber o que aconteceu depois. Para que posto ou dever o jovem templário foi designado? Como se comportava no calor da batalha? Que pena! A história silencia-se sobre todas as questões. De fato, não havia historiadores no século XIII. Foi um século maravilhoso – tão maravilhoso quanto o XIX celebrado num famoso livro de Alfred Russel Wallace – um século de muitos grandes belos começos, o século de São Francisco e Dante Alighieri, mas nada sabia de

escritores ou historiadores propriamente ditos, nem biógrafos que só vieram à tona quatro ou cinco séculos mais tarde. Haviam anais e crônicas, a maioria de batalhas, grandes senhores, santos e maravilhas mas nenhum relato especialmente solicitado para preservar a história até o presente. Portanto, não foi deixado nenhum registro da carreira de Jacques DeMolay. Se algum fato estiver gravado nos arquivos da Ordem do Templo eles sumiram, ou jazem em algum lugar escondidos ou perdidos.

Sabemos, contudo, que Molay ganhou suas esporas e altas honras e passou por grandes cargos, e foi enviado à Palestina, até que finalmente foi eleito Grande Mestre. Pierre Dupuy conta uma história de que esta eleição aconteceu “entre intrigas da nobreza francesa”, mas este conto foi baseado na “confissão” de um Templário renegado e, portanto, não tem fundamento. É provável que Molay estivesse na França, tendo deixado a Terra Santa brevemente, e que foi eleito para um posto que se compare aos de grandes senhores e príncipes em 1298, ano no qual seu antecessor, Guilherme de Beaujou, faleceu.

O novo Grande Mestre não teve facilidade, pois as coisas não estavam bem no Oriente. Antioquia, Trípoli, Jerusalém e Acre caíram, um após o outro; os Cruzados foram mortos ou voltaram para a Europa; somente os Hospitalários e os

Templários ficaram para combater os Sarracenos. Os Templários, com apenas uma sombra de sua antiga força, estabeleceram-se na ilha de Chipre, esperando em vão por uma nova cruzada, e passando tempo atacando pequenos destacamentos inimigos.

Mas era em vão que esperavam apoio da Europa. Depois de duzentos anos o espírito cruzado morreu, pois os homens estavam pensando sobre novas coisas e alimentando novas ambições. As massas começaram a dizer que o próprio Deus havia deixado a Terra Santa nas mãos dos infiéis e que lutar mais seria pecado. Os Templários estavam fortemente entrincheirados na Europa e na Bretanha, com suas grandes casas, seus ricos estados, seus tesouros; seus líderes eram respeitados por príncipes e temido pelo povo; mas não havia apoio popular a eles nos seus planos.

Os últimos esforços desesperados

Mas os Templários não viram aí motivos para desistir. Cazan, Príncipe dos Tártaros, tinha planos para o Egito. Sua esposa era a filha de Leon, rei dos Armênios, um povo cristão, e por essa razão, talvez os tártaros mostravam um espírito amigável em relação aos poderes cristãos, de forma que quando a Armênia estava sob ameaça de Malek-Nazer, Sultão do Egito, um grande exército dos tártaros foi enviado para lutar contra os Egípcios. De

Molay, com um grande contingente de cavaleiros, como era de se esperar, tomou parte ao lado de uma das alas tártaras e ajudou a derrotar o Sultão.

Depois disto, trabalhando em conjunto com um general tártaro, de Molay teve a boa sorte retomar algumas poucas cidades das que tinham sido perdidas para os sarracenos. Entre elas Jerusalém, onde os Templários celebraram a Páscoa. Nisto as autoridades tártaras pediram apoio da Europa acreditando que forças combinadas poderiam parar o Islã para sempre.

Isto não aconteceria. O Papa prometeu organizar outra cruzada, mas França e Inglaterra estavam indiferentes. Traições e deserção quebraram as forças tártaras, os sarracenos os derrotaram e em 1300, mais uma vez capturaram Jerusalém. Os Templários se retiraram para a Ilha de Arade, mas depois se dirigiram de volta a Chipre onde esperavam apoio da Europa para uma nova expedição tártara. Mas Cazan morreu e seu irmão e sucessor, Kharbende, voltou-se contra os cristãos depois de uma fútil tentativa de contar com a ajuda deles para mais um ataque ao Sultão do Egito. Sem aliados no Oriente ou apoio do Ocidente não havia nada que os Templários pudessem fazer além de esperar por algum tempo propício em Chipre.

Felipe planeja a queda da Ordem

Nesse ínterim forças foram tomando forma por trás das cenas políticas da França, que se provou mais prejudicial à DeMolay e seus seguidores remanescentes do que uma dúzia de inimigos sarracenos. O rei da França tramou a queda da Ordem!

Será necessário examinar bem a fundo as principais causas deste procedimento incrível de parte de Felipe, o Belo. Fazendo isto, vamos ter em mente que não precisamos tomar parte de nenhum dos lados. Com todo o tempo decorrido e depois de tanta controvérsia colocada à parte, não podemos ter outro desejo que não saber a verdade. Somente assim podemos evitar cair nas más interpretações e erros que se devem a sentimentos e preconceitos que escurecem a mente. O próprio de Molay, se pudesse voltar à vida pediria a multidão de jovens agora envolvidos numa nova cavalaria sob seu patronato que ignore as querelas e livrem-se das velhas e violentas paixões para que eles sejam sinceros soldados da verdade. É tolice incitar preconceito religioso em nossos corações somente porque, 600

anos atrás, um grande crime foi cometido em nome da religião. O rei da França destruiu os Templários, com a ajuda do Papa, um homem inútil, que corria o risco de morrer nas mãos do rei. O rei achou forças para realizar seus planos e acreditava que possuía razões para isto. Descobrir as forças e entender as razões é a única coisa necessária para nós.

Os Templários ficaram ricos e poderosos. Seus grandes oficiais estavam no mesmo nível de príncipes; seus Grão-Mestres eram quase tão respeitados quanto os reis; eles eram convocados para se fazer representados nos grandes concílios da igreja. Multidões de pobres lhes deram inumeráveis presentes; centenas de senhores lhes deram ouro, joias, casas, e grandes propriedades. Albérico estimou que na época em que Jacques DeMolay foi iniciado, a Ordem possuía 7.500 mansões em muitas terras da Espanha à Escandinávia, da Palestina à Bretanha. Matthew Paris, talvez mais corretamente, reestimou o número em nove mil. Reis guardavam grandes tesouros nas fortalezas templárias ou pediam grandes somas emprestadas. Em Paris, onde um terço da qual estava sob sua possessão na época, seu Templo era o centro financeiro da Europa, uma espécie de Wall Street europeia. Tinham uma organização internacional, um sistema, no qual um superior em Londres ou Paris poderia cumprir uma ordem com precisão militar em lugares a quilômetros de distância. E assim, por um sistema

financeiro geral controlado em todas as nações, os Templários tornaram-se os banqueiros de sua época, e isto, muito mais do que suas possessões imensuráveis foram adicionados as histórias sobre seu valor. Com tais recursos, garantidos por esta organização, a Ordem tornou-se um tipo de superestado, diante do qual até mesmo um rei poderia ser compelido a humilhar-se.

Foi com este esplendor e este poder que se deparou o jovem Felipe, o Belo, então com 16 anos quando começou a reinar na França, o mais poderoso reino da Europa. Um monarca ambicioso e truculento, ansioso pela guerra, sem medo de subjugar os lordes franceses a sua vontade, extravagante em todos os seus planos e sempre, sempre necessitando de dinheiro. Tirava de seu próprio povo todos os fundos necessários em taxas e tributos; primeiro roubou e depois expulsou de seu reino os banqueiros judeus e lombardos. Por fim, defasou a moeda nacional numa tentativa desesperada de encher seus próprios tesouros. Não admira que ele tenha cobiçado os excessivos valores dos Templários, cujo uma parte havia visto diante de seus olhos no Templo de Paris! O que seria mais natural do que tramar a destruição da Ordem para assegurar sua riqueza?

Rivalidade entre as Ordens

Havia outra razão. Durante os últimos dois séculos os Cavaleiros Hospitalários também haviam se tornado ricos e poderosos. Sua Ordem também se tornou um poder militar, seus ideais filantrópicos caíram por terra, e mesmo que não tivesse o poder dos Templários, estavam segundos atrás como um instrumento de influência internacional. Havia muita rivalidade entre as duas organizações, e mais de uma vez feudos rivais chocaram-se em combate. E se as duas ordens pudessem se unir?

Este era um desejo de muitos reis e papas. De fato, foi abertamente proposto no Concílio de Lion em 1274, mas foi rejeitada desta como das outras vezes pelas próprias ordens, uma com ciúmes do poder da outra. Felipe tinha o desejo de conquistar este fato impossível. Ele juntaria as duas, colocando-as sob o controle da França e as lideraria pessoalmente. Já havia até mesmo escolhido o nome, “Cavaleiros de Jerusalém” e como seu líder seria o “Rei de Jerusalém”. Seria organizada de forma tal que a sucessão dos Grandes Mestres se daria entre os príncipes franceses.

Além disso, havia o papado a ser considerado. Felipe vivia em guerra com os Papas. Ele brigou com Bonifácio VIII. Colocou o clero a seus pés e tomou o controle dos bispos franceses.

Felipe dirigia-se Sua Santidade como “Seu Ridículo”. Bonifácio excomungou-o, mas Felipe queimou a bula, denunciou Bonifácio por heresia e declarou guerra contra ele.

Benedito X, sucessor de Bonifácio fez as pazes com o rei da França, temendo seu poder. Ele foi obrigado a deixar Felipe encher o Colégio Cardinalício de franceses. O Papa faleceu em um ano. Felipe então fez do Arcebispo francês Bertrand de Goth, bispo de Bordeaux, Papa com o nome de Clemente V. Isto tudo no início de 1305.

Este velho pontífice era como cera nas mãos do rei da França. A Corte Papal foi mudada para Avignon na França, onde por 71 anos ele e seus sucessores viveram com um luxo tal que não deixava a desejar a qualquer palácio do mundo. Este longo período longe de Roma seria mais tarde conhecido como o “Cativo de Avignon”. Este período foi desastroso para a dignidade do papado aos olhos da população, porque indicava que os papas estavam submissos aos reis franceses e a falta de vergonha tenta sempre conseguir dinheiro, por meios lícitos ou não. Isto se tornou um escândalo e que colocou o próprio papado num estado de desprezo. Tudo ia como Felipe planejava.

Pode ser que outros monarcas simpatizassem secretamente com os planos de Felipe para humilhar

os papas, pois havia cada vez mais atrito entre o papado e os reis. Até mesmo Hildebrando tinha o grande sonho de fazer o Papa superior a tudo e a todos, temporal e espiritualmente sendo o soberano da Europa. Um Papa após o outro seguiu a grande ambição de Hildebrando. Eles agarravam cada pedaço de terra disponível e buscavam o controle de toda corte possível, fazendo com que um rei entre em conflito com o outro, visando enfraquecer ambos e humilhar os líderes reais.

No início, as Cruzadas fortaleceram o papado porque no fim das contas somente o Papa poderia falar por toda a Europa e atuar como líder geral. O caráter religioso destas dispendiosas aventuras fazia a liderança parecer a coisa mais natural do mundo.

Os privilégios dos Templários

Quando a Ordem dos Templários passou a existir é provável que os Papas aceitaram-na mais por causa do suporte militar que daria aos líderes da igreja e por suas preocupações com o Islã. De qualquer modo, as políticas adotadas pelos papas os livravam da obediência ao patriarca e assumia imediato controle sobre eles. Os bispos não tinham autoridade sobre os Templários onde estivessem os cavaleiros. Eles tinham seus próprios Capelães e estes estavam ligados apenas à Regra da Ordem, que por sua vez estava ligada diretamente ao Papa. As

terras templárias estavam livres de taxas, príncipes não poderiam exigir-lhes serviços feudais. Nenhum bispo ou príncipe podia mesmo colocar um Templários sob juramento. Os Irmãos da Ordem eram separados numa casta distinta, favorecida e sem conexão com qualquer ordem que não o Papa.

Se um bispo lançasse um interdito em qualquer cidade ou terra, suspendendo os serviços da igreja, sem os sacramentos, proibindo casamentos, as terras e casas dos Templários eram postas em exceção. A pessoa do Templário tornou-se sagrada. A Ordem era a pátria templária, e o papa seu chefe. Os Templários poderiam estar na Itália, mas não seriam italianos; na Escócia, mas não seriam escoceses; na França e não serem franceses. A Ordem do Templo tornou-se uma nação em si. Um império coexistindo com governos, orgulho e poder, tirando proveito de todos sem sujeitar-se a nenhum. Não é de admirar que os Templários se tornassem orgulhosos e altivos, cercado e separado pela autoridade do chefe de toda a Igreja.

Não é de se admirar que o Papa mesmo quisesse a Ordem um dia como braço militar da igreja que estivesse disponível para combater um rei insurreto. Bonifácio ainda chegou a planejar a fusão entre Templários, Hospitalários e Cavaleiros Teutônicos (outra Ordem criada na Alemanha na época das Cruzadas) numa única e grande Ordem,

assim como Inocêncio III tentou antes dele. Era uma grande ambição, que Felipe entendia completamente. E era mais que natural ele achar que já que não podia ter o controle das três Ordens deveria destruí-las antes que um Papa como Hildebrando o fizesse.

Além do mais, Felipe sabia que apesar das aparências de sua força, havia um erro mortal no seio da Ordem dos Templários. A Ordem era filha das Cruzadas, criada para combater nas guerras santas e dar-lhes apoio. Porém, agora as Cruzadas haviam acabado desde que o frágil e santo Rei Luís morreu no Egito. A Europa estava cansada de guerras santas infrutíferas, tinha outros problemas para se preocupar e outras coisas para fazer. Por que então o povo deveria continuar a patrocinar uma Ordem inútil, pelo menos para eles? Ela havia se tornado um corpo estranho na carne, uma ferramenta inútil, uma anomalia. A Cavalaria em si estava em decadência e todo seu sistema estava caindo aos pedaços. Os homens humildes, que sustentavam este peso, começavam a questionar (em última análise) o pagamento para sustentar casas tão enormes e tantos homens e cavalos que nada produziam e começaram a querer que eles saíssem do caminho. Os reis também desejavam ver extinto algo que poderia ser usado pelo Papa para colocar eles de volta aos seus pés.

Felipe entendia tudo isto e com esta compreensão engajou-se em seus planos. Estes planos foram diabólicos, e trouxe a ele a opróbrio de 18 gerações que sabem que outras táticas poderiam ter sido usadas. Porém, Felipe não se preocupava muito com escrúpulos morais e não se importava nem um pouco com o que os homens poderiam pensar sobre ele depois que estivesse morto.

O ressentimento crescente entre as massas começou a tornar-se mais evidente. As pessoas sussurravam umas com as outras sobre estranhas coisas que podiam acontecer por trás das portas bem guardadas da Ordem. Havia ovelhas negras nas suas fileiras, e como há em todas as organizações, renegados e pessoas expulsas por não seguirem a Regra. Logo após Clemente V tornar-se Papa, um desses renegados Esquieu de Floryan, esperando pagamento, fingiu “expor” os “segredos” dos Templários. Acreditava-se que existia uma segunda, informal, uma Noffo Dei, mas estudos recentes mostram que isso não tem fundamento.

De Floryan contou a Felipe que na sua Recepção, cada Templário jurou defender a Ordem em todos os casos, justos e injustos, por toda sua vida; que os líderes Templários mantinham correspondência com os Sarracenos e tinham se tornado muçulmanos e pediam aos noviços que cuspissem na cruz e negassem o Cristianismo. Que

cada Irmão suspeito de trair a Ordem era assassinado secretamente; que dentro dos Templos, os Cavaleiros adoravam ídolos e eram heréticos; que eram culpados de imoralidade, vícios secretos e crimes estranhos e que tinham traído a Igreja, conspirando para o resultado desfavorável das Cruzadas.

Todas estas acusações eram parte dos rumores que gradualmente começaram a correr na boca da população. Os Templários veneravam um ídolo chamado Bafomet (uma corruptela linguística de Mohamed), então invocavam o diabo, sequestravam crianças, queimavam bebês vivos, e se entregavam a práticas inexprimíveis. De todos estes rumores, estava a alegação de que os Templários eram heréticos e comerciavam constantemente com os sarracenos, que recebiam a maior credibilidade. O longo tempo passado pelos cavaleiros no Oriente tornou esta crença plausível.

Felipe reduziu estas confissões a termos de declarações e mandou secretamente ao Papa. Em 24 de agosto de 1305, Clemente respondeu dizendo que achava difícil de acreditar em tais histórias, investigaria e acrescentou que os Templários estavam cômicos das acusações e já havia solicitado uma investigação. A isto Felipe respondeu mandando os depoimentos em si e exigindo julgamento. Mas o Papa estava evidentemente pouco

comovido e deixou o assunto em guardado por um ano.

Então, Clemente mandou uma carta gentil e até mesmo com afeição, a DeMolay pedindo que ele fosse com alguns poucos cavaleiros para uma entrevista. O Papa elencou os problemas concernentes a situação da Palestina, os projetos de uma nova Cruzada, mas nada falou sobre as acusações. DeMolay, com alguns cavaleiros e 12 mulas carregadas de ouro e prata, retornou ao Templo, em Paris, onde foi recebido com todos os sinais de Cortesia pelo rei.

O Papa estava em Poitiers. Com os quatro Preceptores da França, DeMolay foi até lá. Não sabemos quais os assuntos tratados, exceto que o Papa botou em pauta a unificação das Ordens militares, um projeto ao qual DeMolay colocava total oposição.

Isto foi no final de 1306, quase dois anos desde que Esquieu de Floryan fez as acusações perante o rei Felipe. Nada aconteceu nas conferências e o inverno tornou-se primavera. Em abril de 1307, DeMolay e os quatro Preceptores visitaram Clermont mais uma vez para saber sobre as acusações e rumores que cresciam cada vez mais. Aparentemente, Clemente ressegurou que tudo estava bem, uma vez que os cavaleiros haviam

voltado. Se havia algum entendimento secreto entre o Felipe e o Clemente, se tudo isto era uma trama para render os cavaleiros, foi um plano bem sucedido. Mas temos todo o direito de suspeitar de tal acordo secreto ainda que o Papa temesse muito o poder do rei e provavelmente sentia-se incapaz de se opor a ele, pois como vimos, o Papa tinha todas as razões para manter a Ordem intacta.

O “processo” dos Templários

De qualquer forma, foi Felipe que agiu. Em 14 de setembro de 1307, ele emitiu escritos secretos aos seus senescais e servidores em todas as províncias ordenando a prisão de todos os Templários. Ao amanhecer de 13 de outubro, os cavaleiros por toda parte, pegos de surpresa, foram repentinamente colocados sob custódia.

De Molay e 60 de seus irmãos foram presos em Paris. Em um dia ou dois estes surpresos cavaleiros foram levados diante dos chefes da Universidade de Paris, onde se reuniram com abades e bispos, que a tempos esperavam por esta oportunidade. Lá foram apresentados por estes com um longo Ato de Acusação no qual foram descritos como lobos sanguinários, culpados de crimes asquerosos, hereges, idólatras, traidores e perjuros. E afirmaram, falsamente, que o Grande Mestre e os Preceptores já haviam confessado esses crimes.

Felipe enviou uma circular para outros administradores exortando-os a seguir o mesmo exemplo, mas seu propósito foi recebido com surpresa e incredulidade. Eduardo II da Inglaterra

pediu aos seus companheiros governantes que não acreditassem nas absurdas acusações. Jaime de Aragão prometeu que agiria se fosse impelido a isto pela igreja. Portugal não tomou nenhuma atitude.

O Papa Clemente também se opôs vigorosamente à ação. Em 27 outubro ele suspendeu os poderes da Inquisição na França, mas isto não parou a perseguição à Ordem. Então, talvez temendo que todo o procedimento fugisse ao controle da igreja e fosse para nas mãos seculares. Ele emitiu uma bula em 2 de novembro de pedindo a prisão dos Templários em toda parte. Isto era como atear fogo na palha. Em todas as terras onde houvesse Templários, eles foram subjugados em obediência à Bula Papal.

Felipe determinou que o controle permanecesse com ele. Sua segurança dependia agora da extinção da Ordem. Em 26 de maio do mesmo ano ele foi a Poitiers e teve uma longa reunião com o Papa e seus cardeais, que se opuseram ao plano de Felipe. Mas o rei fez tantas ameaças aos clérigos e tinha tanto controle sobre a igreja que venceu a questão. O papa retirou sua suspensão dos poderes da Inquisição e ordenou um exame nas acusações, guardando o julgamento do Grande Mestre e certos Preceptores para si mesmo.

Não é preciso que nos atormentemos com os horrores que se seguiram, mesmo porque estamos mais interessados em DeMolay. Os cavaleiros foram lançados em celas úmidas e calabouços frios, onde muitos morreram. Centenas deles foram sujeitados à tortura, bárbara demais para ser descrita e muito confessaram-se culpados para escapar do suplício. Cerca de 60 cavaleiros foram queimados na França. Um pesadelo de horror abateu-se sobre a Europa. Tudo isto foi administrado por 25 comissões papais estabelecidas em todos os centros importantes. O julgamento público em Paris – o mais importante de todos – começou em 11 de abril de 1310.

Clemente condena a Ordem

Em abril de 1311, o Papa Clemente, agora completamente derrotado em todos os esforços que fez para defender a Ordem, chegou a um acordo com Felipe, emitiu uma bula condenando a Ordem, e chamou um conselho geral para se reunir em Viena, em outubro do mesmo ano. Em 3 de abril de 1312, fez um sermão em condenação dos Templários, com Felipe sentado à sua direita. Em seguida publicou uma bula com ordens para transferir as propriedades Templárias para outras mãos. Muito delas foram dadas aos Hospitalários, mas uma boa parte foi distribuída entre os soberanos, com Felipe reclamando a maior porção. Na Espanha, a maioria foi parar nas mãos de outras ordens militares,

Portugal deu-as aos Cavaleiros de Cristo e assim por diante.

O que mais sofria com este pesadelo era Jacques DeMolay. Chegando aos 70 anos de idade, enfraquecido por uma vida de dificuldades e perigos, e com o coração partido pelo que parecia uma monstruosa ingratidão por parte de seus compatriotas, ele estava numa condição precária para suportar o calabouço e a câmara de tortura. Fora da Ordem para a qual tinha dado sua vida não sabia quantos inimigos tinha nem quem eram. Dentro da Ordem não sabia quantos e quais eram os traidores. Ele acreditou em Felipe e descobriu nele um cruel. Acreditou no Papa e encontrou nele um pedaço de junco quebrado. Ninguém pode ficar surpreso por encontrar este veterano de várias batalhas sucumbindo à tensão, confessando crimes falsos ou delirando em suas agonias.

Quando Felipe foi à conferência com o Papa em Poitiers, em 1308 levou com ele 70 dos cavaleiros acusados, entre eles DeMolay e quatro preceptores. No entanto, num subterfúgio que desagradou Clemente, o Grande Mestre e os Preceptores foram deixados em Chinon. Uma comissão foi enviada a Chinon para examinar os cinco oficiais da Ordem. Seu exame foi conduzido entre 17 e 20 de agosto. Logo depois disso, a comissão mandou um curioso relatório a Felipe no

qual os cinco confessavam-se culpados. Os parágrafos referentes a de Molay são os mais estranhos. “Na terça-feira seguinte, o Grande Mestre apareceu perante nós. Tendo feito juramento e ouvido os artigos imputados contra ele, confessou ter negado Deus...”

De Molay foi levado perante a corte em Paris em 26 de novembro de 1309. Primeiro ele pediu para ser ouvido ante um corte mista de pares e prelados, mas isto lhe foi negado, afirmando-se que sendo a Ordem uma instituição religiosa, a igreja deveria julgar o caso. Quando um dos membros da corte leu as acusações, DeMolay ouviu que tinha confessado as acusações como descritas. Isto deixou o estupefato. Ele fez o sinal da cruz três vezes e foi tomado por fúria. Gritou que se os comissários não fossem padres saberia como lidar com eles.

Eles o repreenderam por este procedimento. Ele exclamou que pedia a Deus que houvesse justiça entre os franceses pelo menos como há entre os turcos e sarracenos e clamou que queria ser ouvido pelo próprio Papa. Com sua raiva passando ele voltou a si e ficou envergonhado. Admitiu que este não era o jeito certo de falar e pediu dois dias para fazer sua defesa. O pedido foi concedido.

Isto aconteceu na quarta-feira. Na sexta-feira ele apareceu novamente perante a comissão.

Agradeceu-os por ceder ante ao pedido e de uma maneira grosseira desculpou-se pela sua conduta anterior perante eles. Os membros da comissão perguntaram se ele ainda iria defender a Ordem. “Sou apenas um cavaleiro sem estudos”, respondeu. “Nas notas pontificias que me leram antes de ontem, eu notei, lembro-me, que o Papa reservou para si o direito de julgar o Grão-Mestre e os chefes da Ordem. E no presente, considerando a situação na qual estou, eu devo seguir esta disposição.”

DeMolay se mantém firme

Mas isto não satisfaz a comissão. “Defenderá a Ordem, sim ou não?” “Não neste momento.” Pediu então que usassem suas influências para fazer com que o papa o ouvisse. Os membros da comissão pediram que explicasse e ele pediu para fazer três comentários:

“O Primeiro é que não existe nenhuma Ordem religiosa cujas igrejas sejam mais bem providas com relíquias que as nossas e com equipamentos de culto melhores que os nossos e nenhuma igreja, a não ser as catedrais, onde os devotos cumprem seus deveres religiosos como as nossas. O segundo é que não há ordens onde donativos sejam mais distribuídos como nas nossas. Todos sabem que nossas esmolas são distribuídas três vezes por semana em todas as nossas

comendadorias. A terceira, é que não há na Igreja de Deus nenhuma nação ou sociedade que tenha derramado sangue pela fé como nós fizemos. Ninguém expôs sua vida para salvar a vida de um irmão com mais frequência do que os Templários. Ninguém jamais rendeu-se de forma mais formidável aos inimigos do nome de Cristo. E é por esta razão que o Conde de Artois colocou-nos na vanguarda de suas tropas em La Massoure, onde com tantos outros pereceu, só porque recusou-se a seguir os conselhos de homens mais experientes que ele.”

Esta era uma declaração de inocência da Ordem. Ela não convenceu a comissão, que lhe disse que tudo isto não significava nada se a fé faltasse. “Eu concordo completamente com a verdade desta afirmação, mas graças a Jesus Cristo, acreditamos somente em um Deus, em três pessoas e acreditamos em tudo que a fé católica nos ensina.” Então o Chanceler do rei, Guilherme de Nogaret, disse que tinha lido num antigo livro como até mesmo Saladino, o Sarraceno, havia acusado a Ordem de falta de fé. DeMolay negou isto. Pediu então que pudesse ter ministrados serviços católicos na prisão. Os membros da comissão o parabenizaram por sua fé e a audiência acabou.

Os meses na prisão arrastaram-se até 2 de março de 1310, quando De Molay foi mais uma vez

levado à comissão, que mais uma vez perguntou se ele defenderia a Ordem. Ele reiterou seu argumento anterior, dizendo que já que os Templários estão sob a jurisdição do papa, o próprio papa deveria tomar de conta do caso. Era sua única defesa. A comissão prometeu escrever a Clemente V.

Induzidos pela aparentemente conciliatória atitude da comissão do papa, várias centenas de cavaleiros Templários, muitos dos quais haviam confessado culpa sob tortura, compareceram perante ela para se retratar. Eles denunciaram os Inquisidores que os torturaram e contaram quais os métodos usados para tirar falsas informações de seus lábios. Isto alarmou Felipe. Será que Clemente salvaria a Ordem? Ele decidiu que tomaria uma medida drástica que daria um fim ao falatório e ao atraso. Ele prendeu de imediato 54 dos cavaleiros que se retrataram e levou a um de seus conselhos. Este conselho condenou-os imediatamente como relapsos e hereges. Durante 12 e 13 de maio eles foram queimados ante a porta da comissão papal, resolutos e calmos, cantando hinos à Virgem. Esta série de confusões durou por 14 meses e chegou ao fim com o Concílio de Viena no qual papa oficialmente aboliu a Ordem do Templo, como já foi descrito.

Durante este longo período DeMolay foi deixado na prisão, aparentemente esquecido. A

Ordem foi destruída; suas casas fechadas; suas terras distribuídas; seu tesouro expropriado. As pessoas começaram a esquecer de tudo. Se Jacques DeMolay tivesse sido deixado na prisão para morrer lentamente, nenhum comentário teria surgido sobre a existência de um Grão-Mestre que já comandou os exércitos cristãos contra os sarracenos, para comparecer aos conselhos de estado da Igreja, para sentar-se ao lado dos reis, para liderar as cavalcadas silenciosas de homens de armadura pelas ruas.

O martírio de Jacques DeMolay

Num edito de 22 de dezembro de 1313, mais de seis anos depois da primeira prisão dos Templários, o Papa nomeou inúmeras comissões de prelados para decidir a sorte de Jacques DeMolay e com ele Godofredo de Goneville, Preceptor de Poitou e Aquitânia, Guy, Preceptor da Normandia, Hugo de Peralde, Inspetor da França. A comissão mandou erguer uma plataforma pública, e nela um púlpito, na praça em frente à Catedral de Notre Dame de Paris. Os quatro homens foram levados à plataforma, que rapidamente foi cercada por uma multidão tomada pelo terror, nas primeiras horas da manhã do dia 18 de março de 1314.

Um prelado fez um sermão as grandes coisas que aconteciam no tempo deles. Uma retórica desconexa que deve ter confundido os homens que esperavam pra saber do seu destino. Os membros da comissão leram então uma porção de documentos entre os quais um relatório da investigação de Jacques de Molay em Chinon, seis anos antes e logo em seguida, sem cerimônias, anunciaram a sentença. Os quatro cavaleiros foram condenados à prisão perpétua. Godofredo de Goneville e Hugo de

Peralde aquiesceram. Mas de Molay não! Quando ouviu as acusações forjadas atribuídas a ele mais uma vez, levantou-se e proclamou, em alta voz, que eram falsas, assim como as vis acusações contra a Ordem. Guy de Auvergnie permaneceu com ele.

Uma onda de horror tomou conta da multidão. De acordo com os costumes da época, isto era retratação da confissão e era punido com morte. Felipe não estava presente, mas estava em Paris. A notícia foi imediatamente levada a ele. Os membros da comissão adiaram até o dia seguinte, para deliberar. Mas Felipe não iria adiar nada. Instantaneamente e ignorando todos os procedimentos legais, ordenou que os dois homens amarrados à estaca fossem queimados numa pequena ilha do Sena na mesma noite.

Ao por do sol eles foram levados para a estaca. Os relatos do martírio são confusos, mas todos concordam em descrever Jacques de Molay firme e bravo na última hora. O velho Grão-Mestre despiu a si mesmo de suas roupas e ficou pronto, seu olhar firme, sua voz clara e forte como convinha a um soldado. Quando vieram para amarrar suas mãos ele exclamou de maneira quase jubilosa:

“Cavaleiros, deixem-me juntar minhas mãos um pouco e fazer minhas preces a Deus. É tempo para isto, já que vou morrer imediatamente. Deus

sabe que não mereço minha tortura. A desgraça cairá em breve sobre aqueles que nos condenaram. Deus vingará nossas mortes em nossos inimigos. Morro com esta convicção. Para vocês, cavalheiros, eu peço que voltem a minha face para a Virgem Maria, Mãe de Jesus Cristo.”

“Então”, disse o poeta Godofredo de Paris, testemunha da cena, “eles realizaram seu desejo e a morte o levou de forma tão doce, que todos se admiravam disto.”

Rumores estranhos corriam entre as massas que não estiveram presentes. A imaginação popular sempre ansiando por maravilhas conferiu à morte do Grão-Mestre o dom da profecia. Atribui-se a de Molay estas palavras: “Clemente, eu vos convoco para aparecer em 14 dias diante do tribunal de Deus. E vós, Felipe, dentro de um ano.”

Se de Molay realmente proferiu estas estranhas frases ele realmente foi um profeta. Dentro de um ano Clemente faleceu vítima de um estranho terror, abandonado por seus amigos, com seu corpo por muito tempo insepulto. E Felipe possuído por uma tremenda fúria morreu tragicamente logo depois. A morte também caiu sobre seus três irmãos e com ele acabou o tronco da Família Capetíngia.

Culpado ou inocente?

A Ordem era culpada dos crimes alegados? Até hoje os historiadores têm discordado de forma veemente. Muitos dos registros da época foram perdidos ou destruídos e os que foram preservados estavam rasgados demais. O restante é cheio de contradições e inconsistências. Até metade do século passado, a maioria dos historiadores – eu estou generalizando neste ponto – tendem a aceitar sua culpa. Mas nos últimos anos, o pêndulo tem pendido para outro lado. É digno de nota na América que o mais completo exame do processo dos Templários foi realizado pelo grande e rigidamente científico historiador da Filadélfia, Henry Charles Lea, cujos estudos sobre a Inquisição se sobressai entre os outros. Ele chegou a conclusão de que enquanto alguns Templários aqui e ali eram culpados insensatez e mesmo de crimes, a Ordem em si era inocente, e que enquanto o velho Grão-Mestre enfraquecia na prisão, seu senso de inocência o fortalecia para pelo menos morrer como o herói que era. Lord Acton, “o mais instruído professor de Catolicismo Romano do século XIX” aprovou o trabalho de Lea. Ele disse que o grande argumento da História da Inquisição da Idade Média constitui “uma sonora e sólida estrutura que sobreviverá à censura de todos os críticos”. E acrescenta: “Além de todas as surpresas que ainda há na história de Roma e do manifesto abundante da Filadélfia

(referindo-se ao trabalho de Lea), o conhecimento que é propriedade comum, alcança o homem que seriamente invoca a história como remédio final contra a inverdade e contra a arbitrariedade da opinião.” Não temos o que perder por aceitar as conclusões de Lea.

Durante os dois séculos de existência a Ordem do Templo construiu-se na vida do período e no sistema de civilização da Europa de uma forma não tão adequadamente percebida, mesmo na época. Isto fez amplamente possível a continuidade do empenho que sozinho rendeu uma série de cruzadas viáveis. A ela, e a nenhuma outra força (apesar de com isso não subestimarmos a força dos Hospitalários) se deve a expulsão do Islã de suas próprias fronteiras e a contenção do seu perigoso poder no Oriente. Ela foi exaltada e deu um novo sentido à Cavalaria, o sustentáculo de muitas culturas e artes nesta época. Ajudou a dar um foco ao propósito da energia dos homens, numa época em que as condições sociais tendiam a dispersá-los. Tudo isto contribuiu fortemente para unidade da Europa quando esta sofria com um rompimento interno.

A negra consequência

A maneira pela qual esta grande confraria de cavaleiros dedicada à religião e cujo valor chegou ao

fim, veio a se ver em exata antítese de tudo isto, deixou para trás um legado de desgraças da qual as nações não poderiam se livrar até a Reforma, se é que se livraram. A violenta destruição dos Templários removeu o mais formidável obstáculo do caminho dos turcos, deixando-os livres para seguir com sua conquista até os tempos modernos. E até hoje eles permanecem como um espinho no lado sudeste da Europa, uma sombra e uma ameaça na presença do maior dos poderes. Ela ofereceu a maior sanção possível e uma desastrosa extensão para um procedimento diabolicamente criminoso que permaneceu na França até desfazer-se em sangue e lágrimas na terrível Revolução Francesa.

A acusação de bruxaria e adoração ao demônio e a possibilidade de que isto fosse confirmado pelas mais altas autoridades da Igreja e do Estado, chegou a tornar mais firme nas mentes das pessoas ignorantes a superstição da qual ainda não estão livres. A diabólica crueldade do julgamento dos Templários estabeleceu um precedente para os horrores que se seguiriam, culminando no massacre de São Bartolomeu, e vários similares. A Ordem deixou no centro da história europeia a lembrança negra de um terrível crime do qual fluiu ninguém sabe quanto cinismo, pessimismo e desespero.

Poucos se admiram que Dollinger fosse levado a exclamar, contemplando cinco séculos depois, que se ele fosse nomear os dias na história do mundo, um se chamaria sem dúvida o Dia de Satanás, e este seria aquele dia do outono ao por do sol, no qual Jacques de Molay pereceu em meio as chamas.

Tudo isto é um sinal e uma proclamação mesmo até hoje, mas não para a renovação do ódio e da paixão desenfreada. Nossos jovens cavaleiros nesta nova ordem das coisas, deixarão a fogueira morrer. Eles têm novas cruzadas ao alcance para ser empreendidas na Terra Santa de suas próprias naturezas, onde a ignorância, o preconceito e a falta de irmandade são os únicos sarracenos. Se eles aprenderem a perdoar os velhos inimigos de uma civilização livre e iluminada, quando forjarem-se na nova cavalaria onde aprenderão e praticarão honra, tolerância, cidadania, humanidade, e um sábio e racional amor ao país, provarão que são dignos de um lugar na Ordem dedicada à memória de Jacques de Molay.



www.demolaybrasil.org

DEMOLAY
shop

www.demolayshop.com